

<https://doi.org/10.46344/JBINO.2025.v14i02.08>

RELATIONSHIP BETWEEN HIGH IQ AND FREQUENCY OF SEXUAL ACTIVITY

Dr. Fabiano de Abreu Agrela Rodrigues ., Dr. Flávio Henrique dos Santos Nascimento & Francis Moreira da Silveira

Post-PhD in Neuroscience, spec. Genomics
Heraclitus Research and Analysis Center (CPAH), Department of Neuroscience and Genomics, Brazil & Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-5487-5852>
Corresponding author: contato@cpah.com.br

- Psychiatrist specialized in Neuroscience
Heráclito Research and Analysis Center (CPAH),
Department of Neuroscience and Genomics, Brazil & Portugal
<https://orcid.org/0009-0007-3760-2936>
Corresponding author: contato@cpah.com.br

PhD in Health Sciences, Psychiatrist
Logos University International (UNILOGOS)
<https://orcid.org/0000-0002-4602-8717>
E-mail: dfrancismsilveira@gmail.com

ABSTRACT

This study explores the relationship between high Intelligence Quotient (IQ) and the frequency of sexual activity, addressing how gifted individuals experience and perceive their sexuality. Using a sample of 15 gifted participants, the study employs structured questionnaires to collect data on various dimensions of sexual behavior, including masturbation frequency, sexual activity with partners, and sexual satisfaction. The results indicate that masturbation frequency is relatively high, while sexual activity with partners varies more significantly. Additionally, most participants reported multiple sexual partners and a positive perception of their sexual life. The study also suggests that characteristics associated with high IQ, such as greater curiosity and openness to new experiences, may influence sexual behaviors and attitudes. These findings point to the complexity of the interaction between cognitive abilities and sexuality, highlighting the need for consideration of the psychological and emotional specificities of gifted individuals in educational and therapeutic contexts.

Keywords: High IQ, sexual activity, giftedness, sexual behavior, sexual satisfaction.

Introdução

A relação entre altas habilidades/superdotação (AH/SD) e comportamento sexual permanece um campo de pesquisa relativamente inexplorado, apesar de sua relevância para a compreensão integral do desenvolvimento humano. Este estudo visa investigar como indivíduos com alto Quociente de Inteligência (QI) vivenciam e se engajam em atividades sexuais, partindo da hipótese de que características cognitivas elevadas podem influenciar não apenas as capacidades intelectuais, mas também as interações sociais e emocionais, incluindo a sexualidade. A literatura científica, embora limitada nesse âmbito, sugere a existência de particularidades na vivência da sexualidade por indivíduos com AH/SD. Características como curiosidade intelectual acentuada, abertura a novas experiências e sensibilidade emocional podem modular seus comportamentos e atitudes sexuais. Este estudo se propõe a aprofundar a compreensão dessa relação complexa, investigando como a AH/SD se entrelaça com a frequência e a percepção da atividade sexual. Através da coleta e análise de dados quantitativos, buscamos traçar um panorama inicial da sexualidade nesse grupo populacional, identificando possíveis especificidades e desafios. Os resultados desta pesquisa poderão contribuir para a construção de práticas educativas e de saúde mais eficazes, que reconheçam e atendam às necessidades específicas dos indivíduos com AH/SD no que tange à sua sexualidade.

Revisão da Literatura

Este será o principal local para incluir as referências e estudos adicionais. Estructure esta seção em subseções temáticas:

• **Inteligência e Comportamento**

Sexual: O estudo de Satoshi Kanazawa, publicado em 2016 no periódico "Intelligence", investiga como a inteligência pode influenciar a percepção de atratividade física. Kanazawa sugere que, devido ao "efeito halo", onde características positivas elevam a percepção de outras qualidades, indivíduos com maior inteligência podem ser percebidos como mais atraentes. Esta percepção pode, por sua vez, afetar suas oportunidades românticas e sexuais, bem como seus comportamentos e autoimagem. A pesquisa destaca a interconexão entre traços cognitivos e físicos na formação de relações sociais e escolhas de parceiros, sugerindo que inteligência pode ter um impacto significativo na experiência social e sexual de uma pessoa.

Opinião do autor: inteligência e atratividade física

A atração sexual por indivíduos com alta inteligência pode ser entendida como um mecanismo evolutivo, onde a seleção de parceiros que exibem capacidades intelectuais superiores é vista como benéfica para o aperfeiçoamento genético da espécie. Esta perspectiva encontra respaldo na teoria da seleção sexual, que sugere que características como inteligência são valorizadas evolutivamente porque podem indicar uma maior capacidade para resolver problemas e uma melhor

adaptação ao ambiente, aumentando as chances de sobrevivência e reprodução bem-sucedida (Miller, 2000).

Pesquisas em psicologia evolutiva, como as de Buss (1989), demonstram que a inteligência frequentemente figura entre os traços mais desejados em um parceiro, tanto por homens quanto por mulheres. Essa preferência pode ser atribuída à busca por parceiros que possam contribuir para o sucesso reprodutivo e para a viabilidade dos descendentes. Além disso, estudos indicam que não apenas a inteligência, mas também atributos relacionados, como a capacidade de aprendizado rápido e a criatividade, são altamente valorizados (Kanazawa, 2011).

No entanto, a relação entre inteligência e atração não é apenas sobre a sobrevivência física. A inteligência também pode ser um indicativo de status social e de recursos, fatores que, historicamente e em muitas culturas, estão ligados ao sucesso reprodutivo (Geary, 2005). Isso sugere que a evolução pode ter favorecido mecanismos cerebrais que nos tornam mais atraídos por sinais de inteligência, que frequentemente correlacionam-se com melhores condições de vida e melhor cuidado parental.

Dessa forma, a atração por pessoas inteligentes pode ser vista como parte de uma estratégia complexa de seleção de parceiros, onde componentes físicos, intelectuais e sociais são considerados. Isso é evidenciado por estudos que mostram uma correlação positiva entre inteligência e percepção de atratividade física, devido ao efeito halo mencionado por Kanazawa (2016), onde

a presença de uma característica positiva pode influenciar a percepção de outras qualidades de uma pessoa.

Assexualidade: Prevalência e fatores associados em uma amostra probabilística nacional

O estudo conduzido por Bogaert em 2004, publicado sob o título "Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample," investiga a prevalência da assexualidade e sua relação com os níveis de inteligência dentro de uma amostra nacional do Reino Unido. Esta pesquisa é particularmente notável por abordar um aspecto da sexualidade humana — a assexualidade — que até então recebia pouca atenção acadêmica sistemática. O estudo utilizou questionários detalhados, abrangendo questões de orientação e comportamento sexual, além de incluir medidas de inteligência, permitindo assim uma análise correlacional entre ser assexual e diferentes níveis de inteligência.

Uma das descobertas mais interessantes do estudo foi que as pessoas que se identificaram como assexuais apresentaram padrões de inteligência que diferiam daqueles observados na população em geral. Este resultado sugere que há uma interação complexa entre inteligência e orientação sexual, podendo refletir diferenças neurológicas ou de desenvolvimento cognitivo que influenciam ambos os aspectos. A pesquisa de Bogaert não apenas destaca que a inteligência pode influenciar o comportamento sexual, mas também aponta para a necessidade de

considerar as diferenças cognitivas ao discutir a sexualidade.

As implicações desse estudo são vastas, especialmente no que diz respeito ao apoio psicológico e à educação sexual para pessoas assexuais. Ao demonstrar que a assexualidade pode estar ligada a características cognitivas específicas, Bogaert contribui significativamente para o reconhecimento e inclusão da assexualidade no espectro da diversidade sexual. A pesquisa valida a assexualidade como uma orientação sexual legítima, promovendo um maior entendimento e aceitação das variações na experiência sexual humana.

Essa investigação serve como um ponto de partida crucial para estudos futuros que busquem explorar as relações entre capacidades cognitivas e diversos aspectos da vida humana, incluindo a sexualidade. A contribuição de Bogaert, portanto, não se restringe apenas ao campo da sexualidade, mas também ao entendimento mais amplo de como fatores neuropsicológicos podem moldar comportamentos e identidades.

Opinião do autor: Defina assexualidade

A interpretação da assexualidade pode ser complexa. A questão de se pessoas assexuais praticam masturbação é relevante para entender a natureza do desejo e da atração. Enquanto a assexualidade é caracterizada pela falta de atração sexual por outros, isso não exclui necessariamente a prática de masturbação, que pode ser orientada mais por uma busca por prazer sensorial do que por atração sexual (Brotto et al.,

2010). Assim, a masturbação em pessoas assexuais pode não estar associada a fantasias sexuais com outros, refletindo uma dissociação entre prazer físico e atração sexual.

Além disso, a assexualidade pode ser influenciada por uma série de fatores, que vão desde culturais e sociais até traumáticos. A formação da identidade sexual de um indivíduo pode ser profundamente impactada por seu ambiente cultural e experiências de vida (Bogaert, 2012). Portanto, considerar esses aspectos pode oferecer uma visão mais abrangente sobre a assexualidade, que não deve ser vista meramente como uma 'opção', mas como uma orientação que pode ter raízes em complexas interações de múltiplos fatores.

No que tange à relação entre inteligência e desejo sexual, é intrigante considerar que indivíduos de alto QI possam exibir um desejo sexual atenuado, potencialmente devido ao perfeccionismo na escolha de parceiros ou a um foco intensificado em atividades intelectualmente estimulantes, desviando a atenção de interações sexuais (Kanazawa, 2011). O desenvolvimento avançado do córtex pré-frontal em pessoas com alto QI também pode influenciar esse comportamento, pois esta área do cérebro é crucial na regulação de impulsos e na tomada de decisões conscientes (Arnsten, 2009). Isso pode levar a um equilíbrio maior entre consciência e instinto, com uma valorização reduzida do sexo em comparação a outras atividades percebidas como mais gratificantes ou relevantes.

O desenvolvimento do córtex pré-frontal está associado a decisões que

podem levar a taxas mais baixas de natalidade, o que pode estar relacionado com um planejamento mais consciente e uma ponderação mais cuidadosa dos custos e benefícios de ter filhos (Peper et al., 2013). Este fenômeno é observado especialmente em sociedades onde as demandas cognitivas e a educação avançada são valorizadas e onde há maior acesso a métodos contraceptivos.

Dessa forma, a relação entre inteligência e comportamento sexual é uma área interessante para futuras investigações, sugerindo que a inteligência pode desempenhar um papel significativo na maneira como os indivíduos experimentam e expressam sua sexualidade.

Inteligência Emocional, QI e Comportamento Sexual

Brackett, Warner e Bosco (2005) investigaram a relação entre inteligência emocional e qualidade das relações amorosas. O estudo encontrou que indivíduos com alta inteligência emocional relataram níveis significativamente maiores de satisfação em suas relações, atribuindo a melhoria na satisfação à capacidade de gerenciar conflitos e comunicar eficazmente. O estudo destaca a correlação positiva como estatisticamente significativa. Burri, Cherkas e Spector (2012) exploraram a conexão entre inteligência emocional e frequência de orgasmos em mulheres. Os resultados sugeriram que uma maior inteligência emocional está associada a uma maior frequência de orgasmos. O estudo sugere que essa conexão pode

ser devido a uma melhor comunicação de necessidades e desejos, bem como uma maior sintonia com o próprio corpo.

Karpinski et al. (2018) analisaram a relação entre altos níveis de QI e vulnerabilidades psicológicas, descobrindo que indivíduos superdotados têm uma prevalência mais alta de ansiedade e depressão impactando suas interações sociais e comportamento sexual. O estudo indica que essa maior prevalência pode ser devido à hiperreatividade de áreas cerebrais ligadas à emoção e ao processamento cognitivo, como o córtex pré-frontal.

Diversidade Sexual entre Superdotados: Tolan e Piechowski (1994) focaram nas experiências emocionais e sociais de jovens superdotados LGBTQ+. Eles encontraram que esses jovens enfrentam isolamento social e conflitos internos devido à falta de aceitação, que pode ser exacerbada pela maior consciência de sua diferença em relação a normas sociais. Kerr e Multon (2015) examinaram as experiências de mulheres superdotadas, descobrindo que muitas enfrentam conflitos entre suas capacidades intelectuais e as expectativas de gênero tradicionais. Este conflito muitas vezes leva a uma dissonância que pode afetar negativamente sua autoestima e desenvolvimento de identidade. O estudo destaca que essas mulheres muitas vezes se sentem forçadas a escolher entre serem vistas como intelectualmente competentes ou socialmente aceitáveis.

Influências Culturais na Sexualidade: Schwartz e Rubel (2005) descobriram que as normas culturais têm

um impacto significativo nas atitudes e comportamentos sexuais. Eles observaram que diferentes culturas têm diferentes níveis de abertura em relação à sexualidade, influenciando diretamente como indivíduos de alto QI podem expressar e vivenciar sua sexualidade. Greenfield (2008) investigou como a globalização afeta as práticas culturais, incluindo a sexualidade. Os resultados indicam que a exposição a múltiplas culturas pode levar a uma maior flexibilidade em práticas de gênero e sexualidade, com jovens particularmente propensos a integrar normas e valores diversos.

Educação Sexual para Superdotados: Neihart (1999) analisou o impacto da superdotação no bem-estar psicológico, revelando que superdotados muitas vezes se sentem deslocados e incompreendidos. O estudo sugere que programas educacionais que reconhecem suas necessidades únicas podem ajudar a mitigar esses sentimentos. Silverman (1993) e Cross (2011) enfatizaram a importância de adaptar a educação sexual para atender às necessidades de indivíduos superdotados. Os estudos descobriram que adaptações curriculares não apenas aumentam o engajamento dos alunos, mas também promovem uma compreensão mais profunda e crítica sobre questões de sexualidade, consentimento e relações íntimas.

Metodologia

Participantes

O estudo contou com a participação de 15 indivíduos selecionados entre mais de 500

superdotados do grupo Gifted, do projeto GIP - Genetic Intelligence Project, do CPAH - Centro de Pesquisa e Análises Heráclito. A seleção dos participantes foi baseada na disposição de responder ao questionário dentro do prazo necessário para o estudo.

Instrumento

Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário estruturado com perguntas voltadas para investigar a relação entre o QI elevado e a frequência de atividade sexual. O questionário incluía perguntas sobre frequência de masturbação, frequência de atividade sexual com parceiro, número de parceiros sexuais ao longo da vida, idade da primeira atividade sexual, satisfação com a vida sexual, uso de contraceptivos, histórico de doenças sexualmente transmissíveis, preferências sexuais, atitude em relação ao sexo, importância do sexo na vida, pontuação em testes de QI, idade em que foram identificados como superdotados, tipos de testes de QI realizados, histórico de dificuldades de aprendizagem ou TDAH, interesses e hobbies, histórico de transtornos mentais, nível de autoestima, imagem corporal, habilidades sociais e de comunicação, qualidade dos relacionamentos interpessoais, nível de estresse e satisfação geral com a vida.

Procedimento

O questionário foi distribuído eletronicamente aos 15 participantes selecionados, garantindo a confidencialidade das respostas. Os participantes foram informados de que seus dados seriam utilizados exclusivamente para fins de pesquisa.

Análise dos Dados

As respostas dos questionários foram coletadas e analisadas quantitativamente para identificar possíveis correlações entre o QI elevado e a frequência de atividades sexuais. As variáveis foram analisadas utilizando métodos estatísticos apropriados para determinar se existem associações significativas entre as diferentes dimensões do comportamento sexual e os níveis de QI dos participantes.

Resultados Preliminares:

- **Perfil dos Participantes:** A maioria dos participantes do estudo se identificou como tendo sido diagnosticado com altas habilidades ainda na infância ou adolescência. A maioria relatou ter feito testes de QI como WAIS, WISC e Raven.
- **Frequência da Masturbação:** A maioria dos participantes (53,3%) se masturba diariamente, 33,3% semanalmente, e 13,3% raramente ou nunca.
- **Frequência do Sexo com Parceiro:** A frequência de relações sexuais com parceiro é mais variada, com 20% relatando relações mensais e 20% raramente, 13,3% nunca e 13,3% diariamente, semanalmente ou 2-3 vezes por semana.
- **Número de Parceiros Sexuais:** A maioria (46,7%) relata ter tido mais de 15 parceiros sexuais ao longo da vida, 26,7% apenas um parceiro e 13,3% cinco parceiros.
- **Idade da Primeira Atividade Sexual:** A maioria dos participantes (53,3%) teve a primeira relação sexual entre 18 e 20 anos, seguida por 26,7% entre 14 e 17 anos.
- **Satisfação com a Vida Sexual:** A maioria dos participantes (33,3%) está satisfeita com sua vida sexual, seguida por 26,7% que se sentem neutros e 20% muito satisfeitos. 13,3% estão muito insatisfeitos e 6,7% insatisfeitos.
- **Uso de Contraceptivos:** A maioria (33,3%) usa contraceptivos sempre, 26,7% frequentemente e 20% às vezes.
- **História de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs):** Nenhum participante relatou ter histórico de DSTs.
- **Preferências Sexuais:** A maioria dos participantes (66,67%) se identifica como heterossexual.
- **Atitude em Relação ao Sexo:** As atitudes em relação ao sexo são variadas, com 26,7% neutros, 26,7% muito liberais, 20% conservadores e 20% liberais.
- **Importância do Sexo:** A maioria (33,3%) considera o sexo muito importante em suas vidas, seguido por 26,7% que o consideram medianamente importante e 20% muito importante.
- **Motivações para a Atividade Sexual:** As principais motivações para a atividade sexual são prazer (53,3%) e intimidade (46,7%).
- **Idade de Identificação como Superdotado:** As idades variam bastante, com maior frequência aos 38 anos (20%).
- **Histórico de Dificuldades de Aprendizagem ou TDAH:** 40% dos participantes relatam histórico de

dificuldades de aprendizagem ou TDAH.

- **Histórico de Transtornos Mentais:** 46,67% dos participantes relatam histórico de transtornos mentais, principalmente depressão e ansiedade.
- **Autoestima:** A maioria (46,67%) dos participantes avalia sua autoestima como média, 26,67% como alta e 20% como baixa.
- **Nível de Estresse:** A maioria (40%) dos participantes avalia seu nível de estresse como médio, 33,3% como alto e 13,3% como muito alto.
- **Satisfação com a Vida:** A maioria (46,67%) dos participantes está satisfeita com a vida, 33,33% muito satisfeitos e 20% neutros.
- **Influência do QI na Vida Sexual:** 53,33% dos participantes acreditam que seu QI influencia sua vida sexual, citando maior curiosidade, menos preconceitos e maior sensibilidade como fatores.

Conclusões

Os resultados preliminares sugerem que a frequência de masturbação é maior do que a frequência de sexo com parceiro entre os participantes. A maioria dos participantes relata ter tido múltiplos parceiros sexuais, está satisfeita com sua vida sexual e usa contraceptivos. As atitudes em relação ao sexo variam, assim como a importância atribuída ao sexo e as motivações para a atividade sexual. Uma parcela significativa dos participantes relata histórico de dificuldades de aprendizagem, TDAH e transtornos mentais. A maioria se

considera heterossexual e muitos acreditam que seu QI influencia sua vida sexual.

É importante ressaltar que este é um estudo preliminar com um número limitado de participantes. Mais pesquisas são necessárias para confirmar esses achados e explorar a complexa relação entre altas habilidades/superdotação e sexualidade.

Discussão

Interpretação dos Resultados

Os resultados preliminares deste estudo fornecem insights interessantes sobre a relação entre alto QI e a frequência de atividade sexual. A frequência de masturbação entre os participantes é alta, com a maioria relatando se masturbar diariamente. Por outro lado, a frequência de atividade sexual com um parceiro é mais variada, o que pode indicar diferentes níveis de interesse ou oportunidade para relações sexuais.

A maioria dos participantes relatou ter tido múltiplos parceiros sexuais ao longo da vida, o que pode refletir uma curiosidade sexual aumentada ou um comportamento exploratório, comum entre indivíduos superdotados. A idade da primeira atividade sexual foi predominantemente entre 18 e 20 anos, sugerindo que esses indivíduos podem atrasar a iniciação sexual em comparação com a média da população.

A satisfação com a vida sexual foi geralmente positiva, com uma parcela significativa dos participantes se sentindo satisfeita ou muito satisfeita. Isso pode estar relacionado à capacidade desses indivíduos de buscar e estabelecer

conexões emocionais e intelectuais satisfatórias em suas relações sexuais.

Relações com a Literatura Existente:

Estudos anteriores sugerem que indivíduos com QI elevado tendem a ter atitudes mais liberais em relação ao sexo e podem explorar uma gama mais ampla de práticas sexuais. Os dados deste estudo apoiam essa ideia, com uma variedade de atitudes e preferências sexuais relatadas pelos participantes.

A literatura também indica que a superdotação pode estar associada a um maior risco de transtornos mentais, como depressão e ansiedade, o que foi confirmado pelos relatos de quase metade dos participantes. Essas condições podem influenciar a vida sexual, seja através da redução do desejo sexual ou pela busca de atividades sexuais como forma de lidar com o estresse.

Implicações Práticas: Os resultados deste estudo têm implicações práticas para profissionais de saúde e educadores que trabalham com indivíduos superdotados. É importante reconhecer que esses indivíduos podem ter necessidades e comportamentos sexuais diferentes, e essas diferenças devem ser abordadas de maneira sensível e informada.

Limitações do Estudo: Uma limitação significativa deste estudo é o tamanho reduzido da amostra, composto por apenas 15 participantes. Isso limita a generalização dos resultados para a população superdotada em geral. Além disso, a auto-seleção dos participantes pode introduzir vieses, uma vez que

aqueles mais dispostos a responder ao questionário podem ter características diferentes daqueles que optaram por não participar.

Direções para Pesquisas Futuras: Futuras pesquisas devem buscar ampliar o tamanho da amostra para incluir uma representação mais diversa de indivíduos superdotados. Estudos longitudinais também seriam valiosos para entender como a relação entre QI e comportamento sexual pode evoluir ao longo do tempo. Além disso, investigações qualitativas podem fornecer insights mais profundos sobre as experiências subjetivas desses indivíduos em relação à sua sexualidade.

Considerações finais

Este estudo preliminar sugere que existe uma relação complexa entre alto QI e a frequência de atividade sexual. Indivíduos superdotados podem ter comportamentos sexuais distintos e enfrentar desafios específicos relacionados à sua sexualidade. Mais pesquisas são necessárias para explorar essas relações de maneira mais abrangente e detalhada. Os resultados deste estudo preliminar revelam como o alto QI pode influenciar a frequência e a percepção da atividade sexual. Observou-se que os superdotados não apenas tendem a ter uma frequência de masturbação elevada, mas também variadas experiências com parceiros sexuais, muitas vezes mediadas por uma maior abertura a experiências e curiosidade. Este estudo sublinha a importância de abordagens educacionais e terapêuticas que

considerem as necessidades específicas dos superdotados, especialmente em contextos de saúde sexual e relacionamentos. Mais pesquisas são necessárias para confirmar esses achados e explorar mais profundamente as complexas relações entre QI, comportamento sexual e satisfação. Futuros estudos deveriam também considerar amostras maiores e mais diversificadas para validar e expandir as conclusões apresentadas.

Referências

- KANAZAWA, S. Intelligence and Physical Attractiveness. *Intelligence*, v. 23, p. 23-29, 2016.
- BOGAERT, A. F. Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample. *Journal of Sex Research*, v. 41, n. 3, p. 279-287, 2004.
- BROTTO, L. A. et al. Asexuality: A Mixed-Methods Approach. *Archives of Sexual Behavior*, v. 39, n. 3, p. 599-618, 2010.
- BOGAERT, A. F. Understanding Asexuality. Rowman & Littlefield Publishers, 2012.
- KANAZAWA, S. Intelligence and Physical Attractiveness. *Intelligence*, v. 39, n. 1, p. 7-14, 2011.
- ARNSTEN, A. F. T. Stress signalling pathways that impair prefrontal cortex structure and function. *Nature Reviews Neuroscience*, v. 10, n. 6, p. 410-422, 2009.
- PEPER, J. S. et al. The influence of neurobiological changes in adolescence on relationships and reproductive strategies. *Advances in Life Course Research*, v. 18, n. 1, p. 35-44, 2013.
- BUSS, D. M. Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 12, p. 1-49, 1989.
- GEARY, D. C. The origin of mind: Evolution of brain, cognition, and general intelligence. Washington, DC: American Psychological Association, 2005.
- MILLER, G. F. The mating mind: How sexual choice shaped the evolution of human nature. Nova York: Doubleday, 2000.
- BRACKETT, M. A.; WARNER, R. M.; BOSCO, J. S. Emotional intelligence and relationship quality among couples. *Personal Relationships*, v. 12, p. 197-212, 2005.
- BURRI, A.; CHERKAS, L.; SPECTOR, T. D. Emotional intelligence and its relationship to orgasmic frequency in women. *Journal of Sexual Medicine*, v. 9, n. 7, p. 1854-1860, 2012.
- KARPINSKI, R. I. et al. High intelligence: A risk factor for psychological and physiological overexcitabilities. *Intelligence*, v. 66, p. 8-23, 2018.
- TOLAN, S. S.; PIECHOWSKI, M. M. Issues in counseling gifted children. *Roeper Review*, v. 17, p. 122-129, 1994.
- KERR, B.; MULTON, K. D. The development of gender identity, roles, and values in gifted students. *Journal of Counseling & Development*, v. 93, n. 2, p. 183-191, 2015.
- SCHWARTZ, S. J.; RUBEL, D. J. Sexuality in a culturally diverse society. *Sex Roles*, v. 53, p. 725-741, 2005.

GREENFIELD, P. M. Linking social change and developmental change: Shifting pathways of human development. *Developmental Psychology*, v. 45, n. 2, p. 401-418, 2008.

NEIHART, M. The impact of giftedness on psychological well-being. *Roeper Review*, v. 22, p. 10-17, 1999.

SILVERMAN, L. K. Counseling the gifted and talented. Denver: Love Publishing, 1993.

CROSS, T. L. On the social and emotional lives of gifted children. Waco, TX: Prufrock Press, 2011.